1.º anno — Lisboa, de 17 novembro de 1884 — Numero 21

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Começo pelo fim.

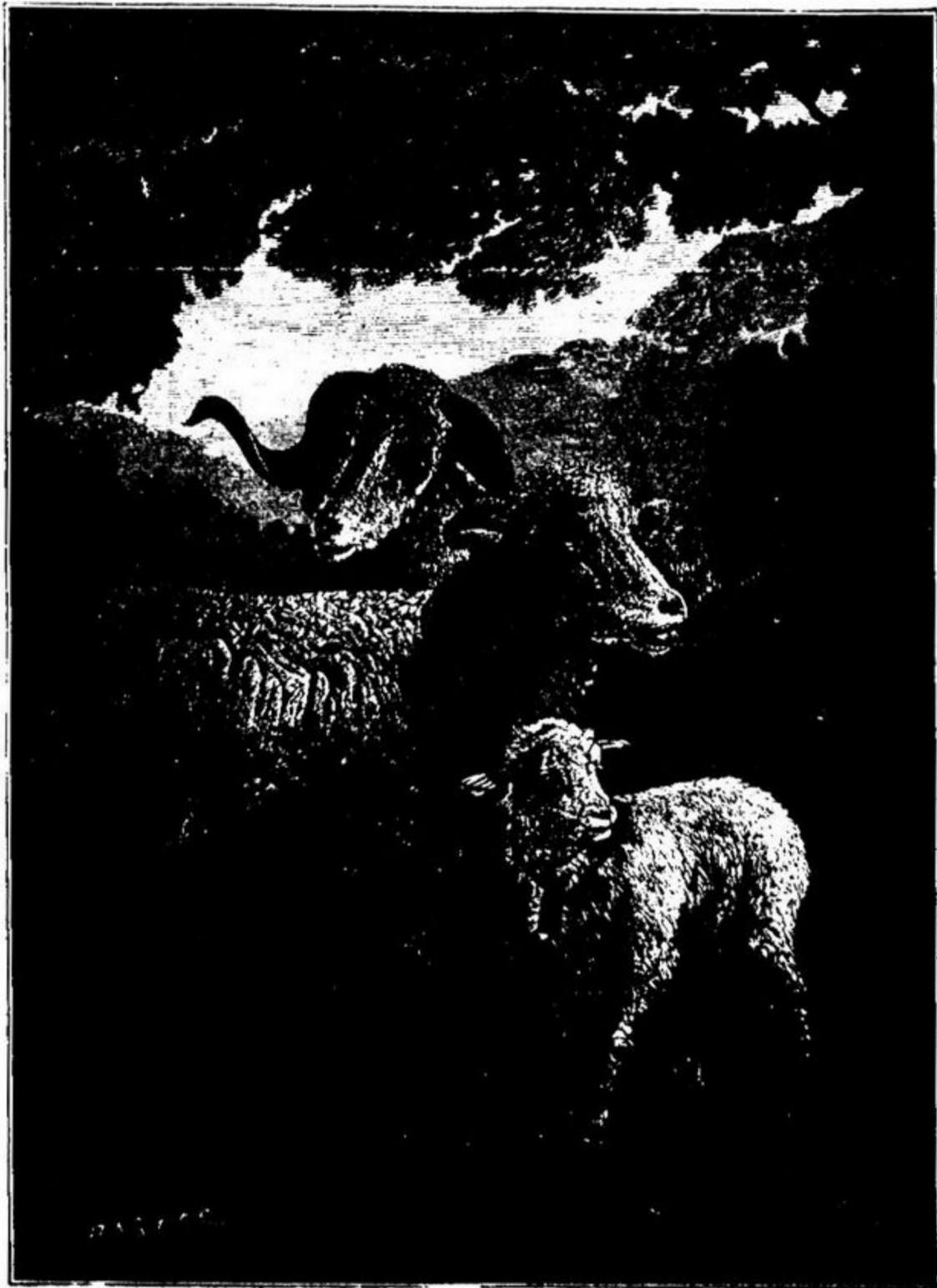
A ultima impressão é a que fica mais nitidamente impressa no kaleidoscopo do espirito.

Venho de ouvir cantar brilhantemente o *Trovador*, que inspirou o *José do Capote*, que fez, em 1850, as delicias do poeta José Carlos, e que já fôra, muitos annos antes, o supremo encanto dos nossos avós.

Francamente damos carradas de rasão a quem se deixou seduzir pelas bellezas do velho *spartito*.

Digam-nos, muito embora, que a musica é anachronica: que não ha, na instrumentação, as opulencias do *savoir faire* moderno de Massenet: que tudo aquillo é archi-romantico e tem uma pontinha de pieguice muito fóra dos habitos de hoje. Digam-nos tudo isso, prégue-nos José Saraga a melhor das suas catilinarias lyricas contra a escola italiana antiga, e não conseguirão arrancar-nos de S. Carlos, quando ali fôr cantada a formosa opera das nossas velhas relações.

Acabamos d'ouvil-a. Theatro a trasbordar. Ambiente mais que morno. Reis e principes no seu posto. Pelos camarotes a fina flôr da nobreza de sangue e de dinheiro. Tu estavas lá, querida leitora: bem te vi, *l'eau masque*, radiante de seducções e de frescura, com esse teu pequenino lunar na face esquerda, que a *veloutine*, bem mais feliz do que eu, beijara pouco antes...

Agora dormes suavemente, talvez, com a branca epiderme do busto gentil acariciada pela alvissima bretanha de linho d'uns lençoes que me provocam ciumes...

O REBANHO TRESMALHADO (Quadro de Thomaz d'Annunciação)

Repousas, sob o teu *édredon* fofo e tepido como um ninho de rolas, muito aconchegada nas pregas da colcha setim *bleu ciel*, em quanto que eu, martyr da chronica, não quero escutar as rogativas do corpo que me pede cama, para satisfazer, *bon gré mal gré*, as exigencias da typographia que me pede original.

Amanhã tu, sultanasinha feliz e descuidosa, despertarás placidamente quando o sol já fôr alto, indo saborear, depois das lavagens perfumadas de estylo, a tua *omelette* ingerida entre pequeninos golos de bello vinho de Borgonha.

Eu terei d'accordar estremunhado, quando o teu corpinho airoso se espreguiça ainda no leito confortavel, para ir percorrer, com olhos somnolentos e mal dormidos, a prova typographica d'estas impressões lançadas ao papel altas horas da noite, sob a luz causticante d'um bico de gaz que me espreita, entre o *pêle mêle* dos meus livros d'estudo, companheiros silenciosos de vigilias muito longas.

Emfim, d'esta vez não tenho grandes invejas de ti. Ouvimos ambos o *Trovador*. Impressionámo-nos ambos per aquella doce romanza do 1.º acto, que valeu ao bello tenor Guille um triumpho colossal.

Deserto sulla terra... Lembras-te? Que esplendida canção e como o grande-pequenino artista nos arrebatou com ella, d'entre bastidores, ao som melodioso da harpa, provocando um bravo unisono da platéa preza á sua voz de vibrações estranhas e estonteadoras!

Eu, se fosse mulher, tinha-o amado ha pouco, apaixonadamente, como se ama um colibri dourado, uma avesinha rara que emitte gorgeios nunca ouvidos. Arrebatava-o do proscenio com capa, espada, capacete, sapatinhos de tacão alto, tudo, e levava-o commigo, na pequenina boceta dos *bonbons*, para longe do bulicio do mundo, para um cantinho ignorado e tranquillo, para um *deserto sulla terra*, que só as nossas duas existencias muito unidas povoassem. Elle a cantar-me *dós* do peito, eu a escutal-o embevecida, dando-lhe tudo quanto dentro do meu peito existisse, ou mais ainda... Que bom!

Mas Deus, o Supremo Architecto, fez-me simplesmente homem á sua imagem e semelhança. Já que as exigencias do sexo não me permittem amar o bello tenor francez, transformado em optimo tenor italiano pela varinha magica do maestro Pontecchi, lançarei as vistas para a sr.ª Julietta Rey, que é uma mulher formosissima, ou para a sr.ª Novelli, que se não sobrepuja a sua collega, fascinando-nos com tão correcta formosura, dispõe d'outra cousa que ella não tem nem teve nunca—uma voz encantadora.

Assim, entregue a estes amores, dissipar-se-hão por completo as saudades fundas que a Judic me deixou, e não terei tempo para pensar no cholera recem-chegado a Paris, em comboio expresso de Napoles.

=Porque o microbio invadiu já a grande capital da republica franceza, é mister que o saibas para teu governo e para o competente emprego immediato das medidas prophylacticas de rigor. Appareceu ali de surpreza, com os primeiros chuviscos da invernia choramigas, indo-se acoitar na rua Sainte-Marguerite, uma especie de rua do Capellão da nossa Lisboa, ou coisa parecida, onde pullulam os prostibulos, os *assommoirs* frequentados por gente de má catadura, e as immundicies das lojas de trapeiro.

Os parisienses tanto se riram do microbio, que elle, afinal, fez a pirraça de lhes cair em casa, quando já ninguem o esperava.

Bem disse o sabio Kock que desconfiassemos das humidades. O inverno ahi está, e com elle sua excellencia o microbio. Preparem as suas melhores flanellas contra o frio, e precavenham-se contra o impertuno bicho, com chapas de cobre no abdomen e com fumigações de phenol no lar domestico.

Se o bicho nos invadir, matem-n'o, ainda que seja com Cognac.

Mas não. Elle hoje não se atreve a affrontar-nos. Temos a força publica augmentada, e se bem que os porta-machados não possam já metter-lhe medo com as suas barbas venerandas, a exuberancia de milicia é garantia segure de que o nosso territorio não será assolado pelo inimigo invisivel.

=Passou o dia de S. Martinho quasi despercebido, sem que as chronicas policiaes houvessem registrado a apparição de muitas perúas vadias pelo asphalto dos passeios e pelas encruzilhadas do Bairro Alto.

Os devotos do santo folião metteram-se d'esta vez muito prudentemente nas encolhas, saboreando o magusto tradicional, de portas a dentro, em familia, com uma pacatice dos tempos biblicos, com um recato digno de ser cantado em verso heroico.

Seria porque o falerno está pelos olhos da cara ou vae escasseando no mercado indigena?

Significaria aquelle facto menos veneração dos fieis pelo seu respeitavel patrono das camoecas buliçosas?

Ter-se-hia o nosso povo regenerado, a ponto de sentir pelo pelo Torres e pelo Collares um horror profundissimo?

Nada d'isso. E' que elle bem sabe que logo, quando entrar muito pelas bebidas, a Boa Hora entra-lhe hoje na mesma proporção, pelos cobres, e a vida custa a ganhar.

E d'ahi, talvez que o nosso povinho se houvesse regenerado, fugindo com tedio á libertinagem das tabernas immundas, para correr, pressuroso e digno, a colonisar o Zaire, ao appello sympathico d'um moço mais sympathico ainda, que se chama Narcizo Feyo e que é um prodigio de tenacidade e de abnegação heroica, n'este misero paiz onde o desalento e a miseria vão minando tudo.

=Para que hei de eu vir contar uma coisa que toda a gente já está farta de saber pela *reportage* solicita das folhas baratas—a historia dos moedeiros falsos da travessa de Santo Antonio da Sé?

Trabalho baldado, pelo qual nem sequer teria a ventura de ganhar alviçaras, e que o leitor recompensaria, talvez, com o sorriso desdenhoso de quem não recebe uma noticia em primeira mão, fazendo-me, ainda por cima, com o lenço, *bonecas* escarninhas.

A policia poz á sombra aquelles artistas do reino visinho, que se davam, entre nós, á tarefa lucrativa e rendosa de fazer uma coisa que por cá não abunda—o dinheiro.

Nós, menos inimigos das artes que a policia d'este paiz, não os punhamos á sombra atrophiadora e lethal da cadeia; iamos expôl-os de bom grado á luz brilhantissima da gloria.

Gastar dinheiro, qualquer o faz quando o tem: é a maior das banalidades. Roubal-o custa um poucochinho mais, mas ha por ahi muito quem se entregue a esta industria peccaminosa. Agora fazel-o, é que é coisa mais difficil, muito mais de que fazer versos, chronicas, insidias, artigos do fundo, politica... sobre tudo politica

E de resto, os que fazem esta ultima, vão á posteridade, cantados pelas tubas da fama, embora nem sempre sigam a linha recta do dever.

Apparecem dois ou tres benemeritos, que executam o impossivel quasi methaphisico de fazer dinheiro, bello dinheiro com um tinir que estontea, sonoras *cravellas* de quinhentos réis com uma serrilha de mão de mestre, e a policia, não se compenetrando do amor que é mister votar aos bons artistas, esquecendo-se de que ha por ahi muito quem gaste a moeda, mas pouco quem se dê á fanthasia de cunhal-a, pespega com os fabricantes audaciosos na masmorra, em vez de lhes propor a mercê d'uma venera!

Triste symptoma da decadencia das Artes!

C. DANTAS.

O GENERAL CLAUDINO

I

Pouco tempo antes de morrer o nosso eminente chymico, visconde de Villa Maior, digno reitor da Universidade de Coimbra, par do reino e homem incontestavelmente de notabilissimos talentos, escreveu um livro intitulado *Memorial biographico de um militar illustre*, livro em que traçou a biographia de seu tio, o general Antonio José Claudino de Oliveira Pimentel.

Bom foi que a morte deixasse ao illustre chymico tempo de nos legar esse ultimo livro, tão alheio aos seus estudos e ás suas occupações habituaes, para contarmos mais uma monographia interessante, que nos póde auxiliar efficazmente no estudo de epoca tão proxima de nós e comtudo tão ignorada.

Já que os generaes que ganharam as homericas batalhas das nossas luctas civis, já que os diplomatas e os estadistas que dirigiram tão habilmente, durante o segundo quartel d'este seculo, e parte do primeiro, os destinos d'este paiz, houveram por bem não dar conta á posteridade dos seus actos, e abandonaram completamente o cuidado da sua gloria, bom é ao menos que haja uns chymicos e uns poetas como o visconde de Villa Maior e D. Antonio da Costa, que tratam de compilar, emquanto é tempo, os elementos da biographia d'esses insignes varões.

E póde por acaso attribuir-se essa falta de *Memorias*, que tanto se nota na nossa historia contemporanea, a negação que tivessem pela penna do historiador os que manejaram com tanta energia ou com tanta pericia a espada de general e a penna de estadista ou de diplomata? Não, de certo. O duque de Palmella todos sabem que podia ser, se a outra coisa se não applicasse, um escriptor distinctissimo. Quando o espirito de Corinna o fascinou, e principalmente quando o seu garbo e a sua elegancia de moço diplomata fascinaram a filha de Necker, e lhe inspiraram talvez, ao que se affirma, a creação do typo sympathico de lord Nelvil, o duque de Palmella traduzia em francez uns cantos dos *Luziadas*, manejando essa lingua estranha com summa pericia. Comtudo, a historia da vida politica do duque de Palmella tem de se fazer unica e exclusivamente pelos seus despachos e pela sua correspondencia, porque Palmella não deixou sequer uma pagina de *Memorias*. Apenas uma vez não poude resistir á tentação de responder com algumas notas a varias affirmações do sr. Soriano, na sua *Historia do cerco do Porto*.

O marechal Saldanha escreveu a respeito de homœopathia e de religião; quiz pôr de accordo o Genesis e a sciencia, metteu-se a discutir medicina com o dr. Bernardino Antonio Gomes, e a respeito da sua historia politica e militar parece-nos que apenas

deixou uma carta no *Jornal do Commercio*, escripta em 1868, e em que explica o papel que desempenhou no cerco do Porto.

O marquez de Sá da Bandeira tratou largamente de colonias e de escravatura, mas a historia dos acontecimentos em que tomou parte apenas a diz muito ligeiramente n'uma carta que escreveu ao conde Goblet d'Alviella e tambem para rectificar alguns erros commettidos por este diplomata.

Et sic de cœteris.

O general Claudino, que encontrou em seu sobrinho um piedoso biographo, merecia bem essa distincção, e precisava d'essa biographia. O seu vulto é um dos mais notaveis da nossa historia politica e militar; mas o acaso fez com que apenas tomasse parte em successos relativamente pouco importantes, de fórma que não lhe bate em cheio a luz que illuminou depois physionomias muito menos dignas da attenção da historia.

Durante a guerra da Peninsula, Claudino era apenas um official de fileira, e não podia, portanto, adquirir a notoriedade, que só cabe aos que figuram nos primeiros planos. Quando se travaram as campanhas epicas da liberdade, jazia Claudino Pimentel sepultado nas trevas de uma masmorra. Quando o paiz entrou no seu periodo constitucional, e quando Claudino, que era homem de parlamento, podia manifestar os seus meritos debaixo d'esse novo ponto de vista, já não pertencia ao numero dos vivos. Quando o general Claudino mostrou o que valia como parlamentar e como general, foi n'esse curto interregno de 26 a 28, em que o governo, cuja causa o general Claudino defendia, parecia sympathisar mais com a causa dos seus adversarios do que com a causa dos seus defensores, em que tinha o parlamento uma vida perfeitamente ficticia. Pois o general Claudino mostrou então que estava fadado para desempenhar em theatro mais adequado os mais importantes papeis.

E' pois essa physionomia semi-apagada que vamos desenhar em tres ou quatro capitulos, tomando para nosso guia o excellente livro do visconde de Villa Maior. Esperavamos que o auctor do *Memorial biographico* visse que o seu livro encontrara leitores, e tivera ecos sympathicos; infelizmente a morte, roubando á sciencia portugueza um dos seus mais brilhantes ornamentos, impediu a realisação do nosso desejo.

Claudino Pimentel nasceu em Moncorvo, em 1776, sendo filho do capitão-mór de ordenanças, João Carlos de Oliveira Pimentel e de sua mulher D. Violante Engracia da Silva Torres. Em 1793 sentou praça como cadete no regimento de cavallaria de Alcantara, mas, tendo sido creada, n'esse mesmo anno, a brigada real de marinha, que era um corpo de artilheria naval, Claudino Pimentel, pensando que mais facilmente entraria em campanha pertencendo a esse corpo do que pertencendo ao exercito de terra, pediu a sua transferencia para a brigada real. Enganou-se comtudo. Não esperava que Portugal commettesse o erro de mandar ao Roussillon uma divisão expedicionaria. Assim, podendo militar no exercito de terra que tanto se distinguiu, serviu apenas na esquadra de comboyo que levou a Catalunha a divisão portugueza. Depois fez parte da esquadra do almirante José Sanches de Brito, que cooperou com a esquadra ingleza do almirante.

Finalmente militou alguns annos nas esquadras que cruzavam entre Portugal e Brasil para protegerem o commercio portuguez, muito prejudicado pelos corsarios francezes.

A paz de Amiens veiu acabar com a necessidade d'esse cruzeiro; e o moço official, promovido em 1802 a segundo-tenente, aggregado, em 1805 a tenente effectivo, pediu licença para ir continuar os seus estudos, e estava frequentando a Academia de Marinha, quando sobreveio a invasão franceza de 1807.

Ia começar a guerra da Peninsula.

PINHEIRO CHAGAS.

A LYRA

Se me queres a teus pés ajoelhado,
Ufano de me vêr por ti rendido,
Ou ja em mudas lagrimas banhado;
Volve, impiedosa,
Volve-me os olhos,
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meu peito encerra,
Dize-me, ingrata,
Dize-me: Eu quero!
Basta uma vez.

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra
Louvor singelo dos amores meus,
Porque minh'alma ha tanto em vão suspira;
Dize-me, oh bella,
Dize-me: Eu te amo!
Basta uma vez.

GONÇALVES DIAS. (BRASILEIRO.)

AS NOSSAS GRAVURAS

O REBANHO TRESMALHADO

Um bello quadro do eximio pintor portuguez, Thomaz d'Annunciação, reproduzido em gravura por Pastor.

Dando hoje este notavel trabalho nas paginas da *Illustração Portugueza*, prestamos homenagem a um artista que é nosso, e a outro que o é quasi. Ambos a merecem.

Nem sempre a reproducção de quadros estrangeiros. Ha por cá muitas coisas que admirar, e a soberba tela de Annunciação pertence a esse numero, fazendo parte das obras d'arte verdadeiramente notaveis.

HELSINGFORS

Helsingfors é uma cidade fortificada da Russia europea, capital do grão ducado de Finlandia, situada sobre um promontorio, a 295 kilometros N. O. de S. Petersburgo. Offerece um porto magnifico aos navios, em uma bahia do golfo de Finlandia (a que a nossa gravura representa) e que serve ordinariamente de estação a tres esquadras russas do Baltico.

A cidade, que se não vê na estampa, é séde do governador geral e do senado. Tem universidade, desde 1827, e observatorio. A sua população avalia-se em 35:000 habitantes

Helsingfors é capital da Finlandia ha 67 annos, e pertence aos russos desde 1808.

A EXPLICAÇÃO DA BIBLIA

A caturra da avó teima em querer explicar-lhe as passagens da Biblia. Ella finge que a escuta, mas o seu espirito está n'outra parte, esvoaça por outras regiões.

Expliquem-lhe o amor, como faz o bello capitão dos *Mousquetaires au Couvent*, e vel-a-hão risonha e feliz, attenta e curiosa, saboreando sem pestanejar as delicias da narrativa.

E' claro que a avó não se prestará a desempenhar, em tal caso, o papel de prelectora, nem nós dariamos nada pela sciencia da velha, na materia.

Mas se um parente proximo, um priminho, por exemplo, quizesse encarregar-se de o fazer...

QUE BOA PINGA!...

Elle que o diz é porque o sabe.

Nas adegas conventuaes, sempre bem fornecidas, não entravam zurrapas de má nota. Havia ali do bom e do melhor: nectares que os proprios deuses invejariam, capazes de dar vida aos mortos e de rejuvenescer centenarios.

Aquelle anafado leigo era assim que fallava dos vinhos do convento, como perito experimentado nas provas.

A ultima prova, porém, vae-lhe sair cara. Apanharam-n'o em flagrante delicto de escorripichadella clandestina, e a communidade ver-se-ha, de certo, obrigada a pôr um veto ao seu ingresso na adega.

A PEQUENINA COQUETTE

Já o rolão tufa!

Se lhe forem analysar a certidão de baptismo não encontrarão doze primaveras completas.

E apesar d'isso, já arrasta a aza ao primo Luiz, um patife da mesda edade, que olha para a sombra, dando pavonadas ridiculas, e que ainda não fez exame d'instrucção primaria.

E' como estão vendo.

A pequenina vaidosa sonha em ser mulher e passa horas esquecidas ao espelho, ensaiando *poses*, ademanes, *toilettes* e sorrisos.

Quando completar vinte annos, terá visto desfilar diante de si um exercito de namorados, mas é provavel que se conserve solteira.

D.

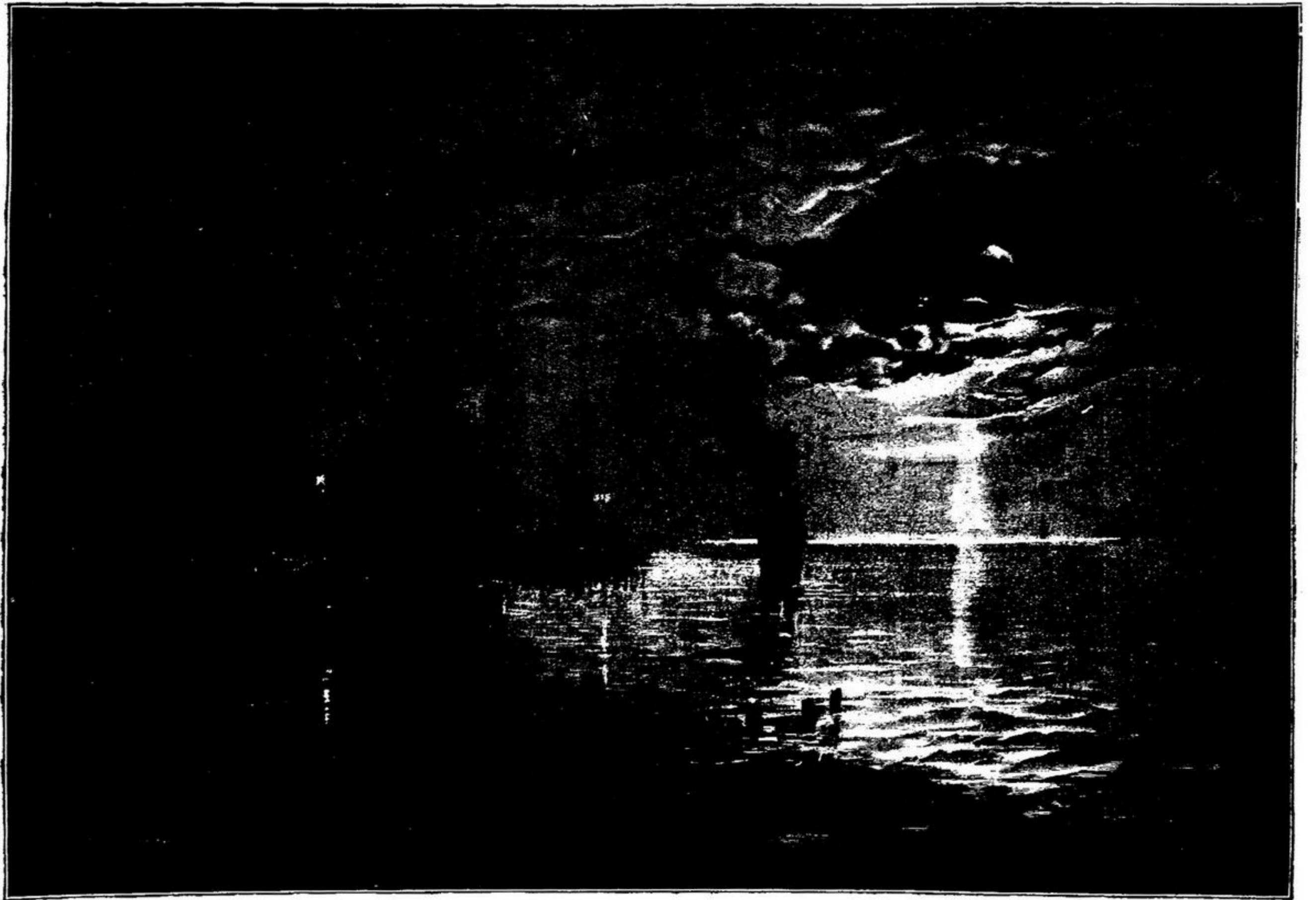
EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. C. DE M. I.—Beira-Alta.—E' possivel que enigma e charada estejam nos casos de ser publicadas, mas falta-lhes o melhor:—as decifrações. Aguardamos que venham.

VALERIO DA BATATA.—Lisboa.—Já aqui dissemos que só a *Tom Pouce* deviam ser remettidas as charadas com destino a esta secção, e *Tom Pouce* não recebeu as charadas do sr. Batata.

M. D. MONTEIRO JUNIOR.—Leiria.—Não são abandonados nem esquecidos. Esperam a sua vez.

HELSINGFORS (Quadro de H. Petersen)

QUE BOA PINGA!

(Quadro de Eduard Grutzner)

A EXPLICAÇÃO DA BIBLIA (Quadro de Kurzbauer)

SANTOS CARREGAL.—Lisboa.—Não é tarefa muito facil descortinar, entre muitos milhares de charadas de todo o genero, se ha por cá algumas de v. ex.ª. Mais facil será a v. ex.ª envial-as segunda vez, se tem grande empenho na sua publicação.

Para satisfazer esta e outras exigencias dos nossos assignantes, seria preciso dispor d'um pessoal enorme, que não temos, entregue d'alma e coração a assumptos charadisticos.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Observei no campo este appellido—1—2

Este fructo é parentesco n'esta machina—2—2.

ZÉ FUNÉ.

No hospital corre este homem—2—2.

Esta mulher prende este homem—3—1.

Tem o leão na musica este vaso—2—1.

Nas arvores e na musica é regosijo—2—1.

Leiria. A. M. M. DOS REIS.

Esta cidade estava alegre com tanta gente—2—2.

Na musica este animal tem agua—1—2.

Aqui este appellido é um animal—1—2.

Santa Comba Dão. A. D. DE S. FRANCO.

ELECTRICAS

A's direitas ave e ás avéssas no Brasil—2.

ZÉ FUNÉ.

A's direitas e ás avéssas nas borboletas—2.

DINHEIRO.

EM VERSO

E' ella o meu amor, minha ventura }
O meu astro fagueiro, o meu encanto. } 2
E se ella o consentisse eu o daria; }
E' esse o meu ideal mais puro e santo } 1

E só então teria eu a certeza }
De em doce lingua *minha* lhe chamar. } 2
Podendo assim, por meio da sciencia,
A minha boa estrella acompanhar.

No moinho essencial—1
Para quem tiver calor—2
No Brasil se encontram muitos
Na rua do Ouvidor.

Este celebre romano—4
Na historia sempre está—2
Como author d'este discurso
Um romano se achará.

Este verbo mui commum—1
E este pronome francez—1
Já eu vi n'este jornal—1
Ha doze mezes talvez—2

Notavel apologista
Dos dogmas do christianismo,
Foi tambem bom orador
Entre os do catholicismo.

D. BASILIO.

PERGUNTA ENIGMATICA

(A João Baptista Rodrigues Barbosa, a quem o author offerece, se a decifrar para o numero seguinte, um semestre d'este semanario, encarregando-se de lhe pagar a asignatura).

Qual é a palavra que se acha nas barretinas, nos sapatos, nos escudos, na cartucheira, e no calix, quando o presbytero vae celebrar missa?

Famalicão. J. D. VELLOSO.

ADIVINHAS POPULARES

Nós somos cinco irmãsinhas
Todas cinco muito eguaes;
Uma de nós anda nua
Para vestir as demais.

Verde foi meu nascimento,
E de luto me vesti.
Para dar gostos a outrem
Grandes penas padeci.

Femea sou de nascimento,
Macho me querem fazer;
Hei de morrer afogado
P'ra femea tornar a ser.

LOGOGRIPHO

(Por letras)

(AO MEU AMIGO F. L. MÉGA)

Pobre mulher, coitadinha—1—4—6—2
Tem vontade de comer—6—2—5—7
Esta ave gallinacea—1—7—5—6—2
Que no lagar podes ver—6—4—3—1—7

E' o todo um vegetal
Lá da China natural.

G. CAETANO.

PROBLEMA

Tres rapazes encontram-se n'um baile com as suas namoradas. Ellas chamam-se Bonifacia, Mafalda e Urraca; elles Pantaleão, Aniceto e Pancracio. Cada um dos rapazes valsa menos vezes que a sua namorada; é porém constante, e egual a 12, o producto do numero de valsas, que dansa cada rapaz, pelo numero das que dansa a escolhida do seu coração. Mafalda dansa 5 valsas mais que Aniceto, e Urraca 2 mais que Pancracio. Pergunta-se qual é a namorada de Aniceto, de Pancracio e de Pantaleão?

MORAES D'ALMEIDA

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Armador.
2.ª—Vianna.
3.ª—Referio.
4.ª—Castellobranco.
5.ª—Marialva.
6.ª—Poeira.
7.ª—Margrave.
8.ª—Soldados.
9.ª—Osso.
10.ª—Após.
11.ª—Eva.
12.ª—Liga.
13.ª—Tentadores.
14.ª—Midosi.
15.ª—Vespão.
16.ª—D e u s
e i r o
u r c a
s o a r
17.ª—T a l o
a m e n
l e i s
o n s a

Da adivinha popular:—Melão.
Do logogripho:—Porcalhota.
Xadrez—Solução do 17.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. R. 6 C. R.	1. R. C. T. R.
2. P. 7 R.	2. R. C. C. R.
3. C. 5 R.	3. R. C. T. R.
4. C. 7 B. R. (cheque)	4. R. C. C. R.
5. P. 7 T. R. (cheque e mate).	

Do problema:

O problema tem varias soluções, uma das quaes é a seguinte: Maria vende 12 melancias a 300 réis e 8 a 100 réis; Francisca 7 a 300 réis e 23 a 100 réis, e Ambrosia 2 a 300 réis e 38 a 100 réis.

A RIR

Um pouco d'observação:
Não julgues nunca um homem pelo guarda-chuva que usa.
—Porque?
—E' raro que seja o seu.

*

Calino foi convidado para assistir a um jantar de casamento.
A' sobremeza conversa com a noiva, que lhe diz:
—O que tem meu marido? Acho-o tão transtornado!...
Calino discretamente.
—Não faça caso; eu sei o que é. Embebedámo-nos dez vezes juntos.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Aconselha-nos um amigo, que padece dos callos, o seguinte remedio para os extirpar de todo:
Humedece-se diariamente, com oleo phosphorado, a meia, no sitio que cobre o callo. Passados 15 ou 20 dias a substancia cornea amollece e desliga-se espontaneamente, sendo substituida por uma pellicula macia e insensivel.
Quem os tiver experimente.
O remedio não pode ser mais simples.

A PEREGRINAÇÃO A MECCA

(ROUSSEAU)

A peregrinação a Mecca que, entre os musulmanos, se cumpre hoje com tão fervente piedade como nos primeiros annos do islamismo, remonta a uma época anterior a Mahomet.
Antes do nascimento do propheta, e desde tempos immemoriaes, os arabes pagãos da peninsula arabica iam em multidão visitar devotamente o santo templo de Kaba.
Em vão o propheta legislador tentou abolir este uso: não teve mais remedio senão transigir com tal costume, introduzido desde seculos pelos povos que elle queria submetter á sua lei, e preferiu, ao anniquilamento dos vastos designios que tinha em mente, a consagração religiosa d'estes habitos tradicionaes, contentando-se em fazer desviar para o culto do verdadeiro Deus o dever que os arabes rendiam aos seus idolos.
A tradição musulmana remonta a fundação do primeiro templo de Kaba a Adão, que para isso pediu licença a Deus. Depois da sua morte, seu filho Seth construiu um outro templo similhante, de *pedra e cal*, ajunta a tradição, templo que foi destruido pelo diluvio universal, e reconstruido muito tempo depois, por ordem de Deus, por Abrahão e seu filho Ismael.
Foi n'esta época que, segundo ainda a tradição, a famosa *pedra negra* cahida do céo (a pedra não era mais do que um aerolitho de grandes dimensões) foi levada pelo anjo Gabriel a Abrahão, que a cimentou em um dos angulos do santo templo.
No dizer do historiador Aboul-Féda, este templo, muitas vezes reparado, foi inteiramente reconstruido, poucos annos antes do nascimento de Mahomet, pelos *koraiscites*, tribu arabe á qual pertencia a familia do propheta.
Um pouco mais tarde Abdallah-Sbn-Zobeir, califa de Mecca, fez n'elle grandes reparações, e, finalmente, no anno 74 da hegira, foi de novo construido por El-Hadjadj-Youssef, logar-tenente do califa Abdel-Malek, que se apoderára de Mecca, e que deu ao edificio a fórma que tem conservado, pouco mais ou menos, intacta até hoje.
Mahomet, no Alcorão, fez da peregrinação a Mecca um dos quatro pontos fundamentaes da sua doutrina, relativos á pratica. Constituem quatro obrigações absolutas para o verdadeiro crente:—1.ª, a oração; 2.ª, a esmola; 3.ª, o jejum; 4.ª, a peregrinação. —Todo o fiel deve cumprir esta ultima obrigação pelo menos uma vez na sua vida, e só a doença, a falta de meios ou a miseria o podem exonerar d'este dever. As proprias mulheres não são dispensadas.
Ha ainda uma outra peregrinação que o musulmano deve fazer após a de Mecca: é a de Medina, onde vae piedosamente visitar o tumulo do propheta. A de Mecca é obrigação divina, emquanto que a de Medina não é mais que uma obrigação canonica. O livro sagrado, o Alcorão, prescreve formalmente a primeira; o uso, a tradição e o fervor são consagrados á segunda. Tanto assim é, que se o peregrino, por uma impossibilidade qualquer, depois de ter assistido a todas as ceremonias religiosas de Mecca, não póde ir a Medina resar sobre o tumulo de Mahomet, não considerará a sua peregrinação regularmente cumprida, e, por consequencia, não se reputará quite para com o dever imperioso que lhe ordena a sua religião.
A peregrinação a Mecca é um ponto de pratica de tal modo obrigatorio para o verdadeiro crente, que, segundo um sabio doutor, o scheik El-Ghazali, o propheta disse:—«Tanto valeria morrer judeu ou christão, como não ter, por negligencia ou scientemente, preenchido uma vez na vida este acto religioso.»
Seria longo descrever aqui, com os numerosos detalhes que ellas comportam, todas as ceremonias da peregrinação. Mencionaremos summariamente as mais importantes:
A peregrinação deve cumprir-se nos primeiros dias do ultimo mez do anno musulmano, o de Zon-'l-Hedjak, mez consagrado á solemnidade.
E' a 10 que as ceremonias religiosas se completam para a celebração da festa dos sacrificios, festa chamada pelos arabes *Aid-el-Corban*, ou *Aid-el-Dhohia*, e pelos turcos *Corban-Beyram*.
Logo que um musulmano, cumprindo a peregrinação a Mecca, franqueia os limites da cidade, deve despojar-se inteiramente das suas vestes, e envergar o costume de peregrino, chamado *Ihram*, que consiste em duas peças de panno branco, das quaes uma cinge os rins e cae até metade da perna, e a outra é lançada sobre os hombros, deixando desembaraçado o braço direito. A cabeça deve estar núa, e os pés simplesmente calçados de sandalias. Ha muitos peregrinos que nem mesmo as querem. Logo que vistam este fato, a caça é-lhes prohibida tão formalmente, que não matarão os insectos que lhe poisam no corpo. Durante o tempo da peregrinação, devem ser muito comedidos na linguagem, evitar com cuidado quaesquer disputas ou rixas, as palavras obscenas ou colericas, e cortar todas as relações com as mulheres.
Chegando a Mecca, o peregrino, acompanhado por um guia, começa a serie de ceremonias, de que vamos dar, por ordem, uma rapida enumeração:
1.º—Visitar o templo: girar sete vezes em redor de Kaba, ora caminhando, ora correndo, a partir do angulo sudoeste onde está a pedra negra posta por Abrahão. A cada volta deve beijar ou tocar com a mão esta pedra.
2.º—Beber agua do poço de *zem-zem*.—Segundo a tradição, quando Agar errava pelo deserto com seu filho Ismael, o manancial d'este poço brotou miraculosamente sob os seus pés.
3.º—Parar e resar á *estação de Abrahão*, notavel por uma pedra sobre a qual o patriarcha esteve de pé quando se construiu o templo. Pretende-se vêr ainda ali o signal marcado pelos seus pés.
4.º—Deter-se e resar no *El-Madjen*, lugar onde Abrahão e Ismael amassaram a argamassa que serviu para a construcção do templo.
5.º—Correr sete vezes do monte Safa ao monte Merwa, que se elevam dentro da propria cidade. Esta ceremonia cumpre-se em commemoração da corrida dolorosa de Agar, quando procurava agua para matar a sêde de seu filho Ismael.
6.º—Ir, no nono dia do mez, ao monte Arafat, situado pouco mais ou menos a doze milhas a éste de Mecca, depois da oração da manhã. Este monte é egualmente chamado *Djebel-El-Rahma*, monte da Misericordia. A tradição quer que Adão e Eva, expulsos do paraizo, desceram á terra, o primeiro na ilha de Ceylão, e Eva sobre o monte Arafat: que Adão, em procura da sua companheira, percorreu todo o mundo, indo depois dar com ella n'aquelle monte, e que, instruido pelo anjo Gabriel, ali erigiu um templo.—Era para o monte Arafat que Mahomet se retirava, a fim de fazer as suas orações e recitar alguma prédica.—Na época da peregrinação o *khatib* (prégador) colloca-se á direita do ponto onde se elevava a capella de Adão, e um pouco mais adiante do lugar onde o propheta se ajoelhava para resar: pronuncia um longo sermão: a enorme multidão de peregrinos, acampados no valle e nos flancos da montanha, escutam-o a principio religiosamente, dirigindo ferventes preces ao Muito-Alto: depois, para o fim, não se ouvem mais do que gritos, suspiros suffocados, soluços que estalam d'entre os peregrinos, como para exprimir a Deus o pezar dos peccados commettidos e solicitar o seu perdão.
7.º—Na manhã seguinte, depois de terem passado a noite a orar na capella de *Mozdalifa*, a pouca distancia de Arafat, os peregrinos voltam para o valle de *Mouna* situado a uma hora de caminho da montanha. Avançam em massas cerradas, na longa via que atravessa o valle, e contra cada um dos tres pilares que ali se vêem a certa distancia, chamados *Pilares do diabo*; lançam tres pequenas pedras de que teem o cuidado de se munir na vespera, apanhando-as do chão da capella de *Mozdalifa*. Esta ceremonia tem por fim recordar a acção do patriarcha Abrahão; no momento em que, por ordem de Deus, ia sacrificar seu filho, appareceu-lhe Satanaz, que foi corrido á pedra. Os peregrinos immolam então, no valle, as victimas propiciatorias.
Terminado o sacrificio, raspam a cabeça e cortam-se as unhas; e os cabellos e as unhas são religiosamente enterrados n'aquelle lugar.
E' esta a ultima ceremonia da peregrinação. Os peregrinos, todavia, demoram-se ainda dois dias em Mouna; depois voltam a Mecca, visitam de novo o templo, e dispõem-se para a partida.
Os fieis que, antes de chegarem a Mecca, visitaram já Medina,

ordinariamente embarcam em Djoueddah, para Egypto, ou para o golpho Persico ou India. Os que ainda não tenham feito a visita á segunda cidade santa, após as ceremonias do Hadj, em Mecca, dirigem-se para Medina.

Os actos de devoção que aqui se devem cumprir, consistem em resar na mesquita do propheta, *Mesdjed El-Nobi.*—1.° No lugar chamado *El-Rowdza*, ou o *jardim*. Porque o propheta dissera:—«Entre o meu tumulo e o meu pulpito está um jardim dos jardins do paraizo; 2.°—Resar ao pulpito de Mahomet; 3.°—No lugar chamado *El-hudjirah*, ou o *quarto*. E' o quarto que occupava Aischa, esposa do propheta, e onde este está enterrado. Sobre

A PEQUENINA COQUETTE

o seu tumulo ha egualmente o dos califas Abou-Bekr e Omar; 4.°—Resar no sitio chamado *Mahbat-Gabriel*, ponto onde o anjo Gabriel desceu do céo e appareceu a Mahomet; 5.°—Resar no tumulo de Fatima, a filha do propheta e esposa de Ali.

Ninguem ignora que o proprio Mahomet trabalhou na construcção da mesquita de Medina. A casa onde habitava era pegada do sanctuario. Morreu n'uma segunda-feira, 12 Rabiel-Aouel, do decimo primeiro anno da hegira (8 de junho de 632).

Além da mesquita do propheta, o peregrino deve visitar ainda: A mesquita de *Kouba* ou do zimborio, cujos fundamentos foram lançados por Mahomet no propio sitio onde parou o seu camello quando elle fugia de Mecca para Medina.

O monte do *Ohod*, celebre pela caverna onde se escondeu o propheta na sua fuga; celebre, tambem, por um miraculoso manancial onde elle matou a sêde; celebre pelo memoravel combate que deu aos seus inimigos enraivecidos; e celebre, emfim, pelo tumulo de Aarou, que a tradição ali colloca.

O cemiterio chamado *El-Bakia*, onde foram enterrados o califa Othman, a ama de leite do propheta, seu filho Ibrahim, e muitas das suas mulheres.

Para terminarmos este artigo, convém ajuntar que é de uso que cada sultão, subindo ao throno, envie um presente ao templo de Mecca, por exemplo uma peça de tapeçaria, fabricada em Constantinopla, chamada *Kissoua*, e destinada a ornar as paredes interiores do Kaba. Esta piedosa offerta é por vezes repetida, após um certo espaço de tempo, no curso d'um mesmo reinado. Ao subir ao throno, o sultão Mahmoud satisfez o religioso tributo, e poucos mezes antes de morrer ordenou que uma nova *kissoua* fosse ricamente bordada e enviada de presente ao santo templo; mas a morte surprehendeu-o antes que visse as suas ordens cumpridas, e foi seu filho que enviou, no segundo anno do seu reinado, o dom piedoso votado pelo pae.

Seguindo um outro costume que data egualmente de tempos immemoriaes, o vice-rei do Egypto envia solemnemente, cada anno, um rico tapete de fabrica egypcia, destinado a cobrir inteiramente o sanctuario de Kaba.

Cada peregrino deve munir-se, para a partida, do que lhe é necessario para o seu sustento durante a viagem. Não tem direito senão a uma pequena ração d'agua.

Para um numero bastante consideravel d'entre elles, a peregrinação a Mecca não é sómente o cumprimento d'um dever religioso, mas tambem uma fonte de beneficios a realisar, pela venda das mercadorias que trazem comsigo, e que vendem em Hedjaz ou trocam por outras mercadorias.

Em geral, o peregrino não se põe só a caminho: associa-se a outros individuos do seu paiz ou da sua tribu, que, assim reunidos, formam grupos distinctos, viajando com os seus arranjos, tendas, utensilios e fardos de mercadores; muitas vezes a bagagem d'estes grupos é consideravel e incommoda.

Quanto ao peregrino indigente, este cumpre o seu dever religioso mendigando para a despeza do caminho e para a sua subsistencia, ora no paiz que atravessa, ora a seus companheiros de viagem.

A' sua chegada a Djeddah, os peregrinos alojam-se nos caravançarás, chamados *okela*. Ali não é raro verem-se dez e mesmo quinze individuos accumulados com as bagagens em casas que não teem mais de vinte e cincos pés quadrados. Os peregrinos arabes propriamente ditos, os marroquinos, algerianos e tunesinos, preferem ficar sob as tendas que comsigo trazem e que armam nas praças e na via publica.

Ordinariamente o peregrino não faz uma viagem de mais de quarenta e oito horas a Djeddah, e o seu primeiro cuidado, chegando a esta cidade, é começar a pedir esmola, a fim de, em camello, se dirigir depois para Mecca.

A viagem de Djeddah a Mecca, em caravana, effectua-se em 28 horas, e de noite, a fim de evitar os grandes calores.

Segundo as informações tomadas d'estes lugares, em 1857 concorreram a Mecca 140.000 peregrinos; em 1858, 160:000; em 1859, 50:000. Esta notavel diminuição, em 1859, é devida, no dizer dos indigenas, em grande parte aos acontecimentos de Djeddah no anno precedente, e tambem ao receio de se ver renovar os terriveis estragos que o cholera, em 1858, causou entre os peregrinos.

Lisboa. FAUSTO SCIPIÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.°, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA